

O blefe do Vampirão e o Reino das Fardas*

Antonio Ribeiro de Almeida Junior¹

O Reino das Fardas é apenas um grande eufemismo.

(Folclore)

Havia uma nação dominada, espoliada, jogada às traças no sistema internacional. Era uma nação do Estibordo, imensa, uma natureza plural, com recursos, com população grande, generosa e criativa. O caso é que era dirigida por grupos sanguinários que não se cansavam de saquear o povo e que se subordinavam a outras gangues estrangeiras para poder vilipendiar ainda mais os pobres nativos. Era chamada de Reino das Fardas. Mas os fardas pouco mandavam de fato. Tinham um papel mais próximo dos capitães do mato que perseguiram os escravos no passado. Mesmo mergulhado em confusão, roubos, corrupção, assassinatos, tiroteios, doenças, conspirações, rapina internacional e outras mazelas, o Reino das Fardas tinha uma das maiores economias do mundo, tamanho o seu potencial. Isto precisava ser destruído, “a qualquer custo”, de acordo com os gringos, como eram chamados os membros das gangues estrangeiras. Além dos gringos, os verdadeiros

mandantes se autoproclamavam “Tais”, uma corruptela de capi-Tais, e eram donos de bancos, grandes empresários, latifundiários. Eram poucos, pouquíssimos, raros mesmo, 0,01% da

população, mas tinham tudo, controlavam tudo, corrompiam tudo.

Os fardas eram parte dos médios, um grupo maior que gostaria de ser Tal, mas que era deformado por seus vários trabalhos como capitães do mato: fardas, bíblias, nerds, mídias, togas e outros. Entre os médios, se destacavam os negociatis que exerciam cargos no Estado e que eram encarregados da encenação para convencer o povo de que algo iria melhorar, mesmo que demorasse muito. Os negociatis também serviam para receber a culpa por tudo o que dava errado, atraindo o ódio dos pobres e encobrindo assim as maldades dos Tais.

Havia é claro um povo devastado, jogado nos cortiços, nas favelas, nas sarjetas, passando fome e morrendo com doenças banais. Açoiado por todos os tipos de males deflagrados pelos gringos e impostos pelos Tais com a ajuda dos médios, o povo vivia na penúria. A principal ideologia dos Tais, mimetizada pelos médios, era o ódio ao povo e mais ainda aos mais pobres entre os pobres do povo, os blacks. Os Tais sentiam grande alergia diante de qualquer expressão de solidariedade, e também quando alguém falava verdades. Diziam que estas coisas eram contra a natureza humana. Alguns chegavam a ter ataques de estupor por estes motivos.

Os Tais também eram adoradores dos Homens e antifêmeas, mas gostavam de dizer que estes eram defeitos morais dos pobres.

O Reino das Fardas era desconunal, não há linguagem hu-

mana que possa descrevê-lo de modo apropriado. A maldade de seus governantes era lendária e causava espanto e medo entre os poucos que conheciam os fatos. Aliás, no Reino das Fardas não havia fatos, mas apenas narrativas de seu principal sistema de comunicação a Tela Mãe que, ao longo do tempo, tinha se especializado

“Por um breve momento, os pobres conseguiram melhorar de vida. Não era uma mudança profunda, causada por qualquer tipo de transformação perene. Ao contrário, era uma mudança superficial, conjuntural, e de pequena monta. (...) Era inaceitável, inimaginável, que qualquer pobre pudesse ter alguma liberdade, que alcançasse o mínimo de conforto material ou escolaridade.”

1 Professor Titular do Departamento de Economia, Administração e Sociologia – ESALQ – USP; Coordenador do Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos – DIVERSITAS – FFLCH - USP

em esconder, distorcer, aniquilar e inventar os fatos. Como uma variedade da verdade, os fatos também causavam intensa alergia entre os Tais e os médios.

Mas, nesse Reino com séculos de idade, ocorreu um deslize histórico. Por um breve momento, os pobres conseguiram melhorar de vida. Não era uma mudança profunda, causada por qualquer tipo de transformação perene. Ao contrário, era uma mudança superficial, conjuntural, e de pequena monta. Mesmo assim, isto causou furor nos Tais e nos médios que começaram a ter urticárias em todo o corpo. Era inaceitável, inimaginável, que qualquer pobre pudesse ter alguma liberdade, que alcançasse o mínimo de conforto material ou escolaridade. Apesar do desgosto que causava aos Tais e aos médios, isto estava ocorrendo, claro de um modo muito limitado. Ainda assim, os pobres começaram a escassear nas sarjetas, a ter alguma esperança real e os mais atrevidos até passaram a frequentar os ambientes destinados aos médios. Suas avenidas e estradas ficaram congestionadas com os veículos básicos, seus restaurantes passaram a ser locais para refeições de pobres, que “invadiram”, quer dizer, “ocuparam”, também os portos voadores. Chegaram até mesmo às universidades e estavam aprendendo a fazer ciência, que era uma graça divina concedida exclusivamente aos médios, que julgavam ter sido dotados por Deus com um cérebro diferenciado e propenso aos conhecimentos científicos. Os médios ficaram inconsoláveis com a competição, pois não estavam acostumados a qualquer esforço e eram bastante preguiçosos.

O intolerável, o impensável profano, estava acontecendo. Era preciso fazer alguma coisa, qualquer coisa, mesmo que fosse necessário destruir o país. Era preferível o vácuo à realidade, a insanidade ao cuidado, o suicídio à igualdade. A tortura precisava ser visível, explícita, de baixo nível e os torturadores glorificados, cultuados em estátuas. Os movimentos moralizantes dos médios eram liderados pelos artistas pornô. Uma coerência perceptível apenas para os educados nas filosofias do Estibordo.

Para restaurar a violência costumeira que chamavam de “progresso com ordem”, lançaram como candidato um sujeito mesquinho e mentiroso, capaz de persistir na mentira mesmo quando pego em flagrante, mesmo quando gravado e filmado. Arquitetaram todo tipo de armadilhas e de chantagens para ameaçar o povo

e obrigá-lo a votar no candidato maldito. A Tela Mãe fez uma campanha arrasadora, todo tipo de manipulação, distorção, coação, persuasão foi empregado. Nenhum truque do “Livro de maldades” dos gringos foi esquecido, todos foram postos em prática. Os Tais ficaram maravilhados e os médios renovaram suas esperanças. Os gringos estavam verdadeiramente empenhados em enganar o povo e prometeram tudo: dinheiro, armas, mulheres, empregos, perfumes, o diabo. A maldade era colossal e transbordava nos discursos inflamados. Goebbels sentiria profunda inveja.

Mas, para a infelicidade dos Tais e o choro dos médios, nada adiantou, o candidato perdeu as eleições e enlouqueceu. Ele ficou tão furioso que passou a conspirar. Se não tinha ganho no voto, ganharia na esperteza, na safadeza, na vilania, na marra. “O povo”, dizia, “era ignorante e, por isto, tinha votado em quem mais o beneficiava”. O derrotado, que os gringos chamavam maliciosamente de “loser”, fez todo tipo de ameaças. Com seus parceiros, igualmente enlouquecidos, começaram a atacar a economia da nação, que até então estava indo muito bem, apesar da profunda crise internacional. Era tudo uma coisa infantil, típica de criança mal-educada que perde algum jogo e começa a espernear. Os gringos ficaram excitados com a prometida destruição econômica, sentiram o cheiro de sangue no ar. Contaminado pelas ideologias nefastas do Reino das Fardas e assustado pelas reações dos Tais e dos médios, o vencedor das eleições passou a escutar os conselhos dos gringos e fez algumas concessões perigosas. Entregou até o controle da economia e de alguns ministérios. Foi um desastre! O povo passou a sofrer e quanto mais sofria, mais aumentavam as ameaças, as chantagens e os riscos.

Os Tais pagaram para que a Tela Mãe, que pertencia aos gringos, não deixasse pedra sobre pedra. Os togas também fizeram um grande esforço para destruir tudo o que podiam. Acusavam todo mundo de corrupto, quer dizer, todo mundo que falasse qualquer coisa que lembrasse solidariedade e mostrasse afeição aos pobres. Para os togas, não havia lei que não conseguissem burlar, não havia fato que pudesse sobrepor-se às suas convicções. Eles adoravam um livro chamado “Constituição”, que consideravam uma grande comédia de ficção. Alguns até a decoravam, para poder zombar melhor daquilo que ali estava escrito. Só eram superados nestas

artes pelos penais, um grupo de representantes dos Tais que também estudava a “Constituição”. Eram verdadeiros artistas da distorção linguística e preferiam fazer isto em latim, uma língua morta e inacessível aos pobres e mesmo à maioria dos médios.

O “loser” acabou enrolado por conta de suas mentiras e perdeu a capacidade de atrair o povo. Então, do nada, apareceu o Vampirão, pois caía a noite naquela democracia. Era um sujeito sinistro, com conexões pouco louváveis, de fato, medíocre. Mas sabia que o dinheiro pode comprar votos e que muitos negociatis eram uma escória social, facilmente manipulável. Com a inteligência dos gringos e a ajuda dos negociatis comprados, articulou um golpe de Estado. Inventaram algumas mentiras graúdas, acrescentadas com deslizes dos inimigos, multiplicadas pelos togas e pela Tela Mãe. Funcionou!!! O povo comprou o pato, vestiu-se de nacionais moralizantes e foi para a rua derrubar o governo que lhe tinha distribuído algumas migalhas. O Vampirão vendeu tudo quanto era empresa do Estado, afinal era neoliberal e precisava comprar mais negociatis. Começou vendendo a fábrica de meias, que produzia meias verdades, meias medidas etc. Os gringos adoraram e aproveitaram para fazer o pé de meia. Depois vendeu a fábrica de bebidas que produzia sangue, suor e outros líquidos derivados do sofrimento humano. Os gringos se deliciaram e tomaram muitos “drinks”. Tudo podia ser vendido bem barato e com financiamentos. Na verdade, os gringos até recebiam algum dinheiro para “comprar” as empresas do Reino das Fardas. Compraram a fábrica de fluídos inflamáveis e a de objetos voadores e tudo mais que foi colocado em leilão. Alguns Principais, chefes dos negociatis dos municípios, aproveitaram para vender as praças e os parques. O Reino das Fardas foi transformado em brechó do capitalismo voraz.

Tudo não passava de um blefe do Vampirão, mas, aterrorizado pela crueldade dos Tais e dos médios, o povo não reagiu. A Tela Mãe também ajudou hipnotizando muitos dos que poderiam se rebelar. Contra a oposição mais humana e aguerrida, o Vampirão ameaçou libertar os Geleirais, os temíveis chefes dos fardas que tinham este nome devido ao gelo em seus corações. Quase todos ficaram mudos de pavor. O blefe estava vencendo.

O patrimônio nacional definiu e os Tais ficaram encantados. Era o máximo, o Reino das

Fardas tinha sido rebaixado a pária internacional e seu destino estava selado pelas próximas décadas. Os Geleirais excitados começaram a cobiçar mais poder. A felicidade dos gringos era indescritível. Mas, o povo continuava lá e a próxima revolta estava para acontecer.

* As ideias contidas neste artigo são de seu(s) autor(es) e não necessariamente expressam as posições oficiais do Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos – DIVERSITAS.